

## UM OLHAR ATENTO PARA O TALENTO: ESTUDO DE CASO DE UM ALUNO COM ALTAS HABILIDADES E INTELIGÊNCIA SUPERIOR

Elisângela Monteiro da Silva Aguiar <sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo é sobre um estudo de caso de um aluno do 8º ano da Escola Municipal Sarah Faria Braz, de Santo Antônio de Pádua – RJ, considerado um aluno com inteligência superior. Seu eixo de estudo parte da avaliação psicológica, das escolhas feitas pelos professores, e seus efeitos, previstos ou não, estabelecendo o desenvolvimento cognitivo e emocional do adolescente, desde a infância, detalhando o processo de inclusão do aluno no contexto escolar. A presente pesquisa investigou como a temática de altas habilidades/superdotação (AH/SD) tem sido entendida pelos docentes. Assim, estabeleceu-se como objetivo: descrever os procedimentos adotados pela escola para o desenvolvimento das altas habilidades do aluno com inteligência superior. Esta pesquisa descritiva, de análise qualitativa, contou com a participação dos docentes, o aluno, os seus pais e a diretora. Os dados foram coletados através de entrevistas realizadas com os professores, psicopedagoga e a mãe do adolescente. Para responder os questionamentos propostos nesta pesquisa foram utilizados referenciais de Gardner, Piaget, Vygotsky, Renzulli, Foucault e outros pesquisadores estudiosos da área. Os resultados indicaram que a percepção dos docentes sobre a temática é ainda elementar, demonstraram insegurança para atuar com esse aluno e despreparo para atuar com outros com necessidades especiais, além de estarem imbuídos de mitos. Esses demonstram que a prática pedagógica utilizada foi a do poder disciplinar e o poder da norma que, segundo Foucault (1988), contribuíram para que o aluno pesquisado com características de inteligência superior, embora incluído no contexto escolar, também ficou exposto à exclusão.

Palavras-chave: Educação Especial, Altas Habilidades, Inclusão escolar, Inteligência Superior.

### INTRODUÇÃO

O estudo versou sobre o caso de um aluno do 8º ano da Escola Municipal Sarah Faria Braz, da cidade de Santo Antônio de Pádua – RJ, considerado como um aluno com altas habilidades e inteligência superior.

Seu objetivo foi descrever os procedimentos adotados pela escola para o desenvolvimento das altas habilidades do aluno, com inteligência superior.

Ao longo dos anos as pessoas que possuíam necessidades especiais ocuparam diferentes papéis na sociedade. Mas, é partir do século XVIII que foram realizadas os primeiros estudos e as primeiras iniciativas para evitar o isolamento de pessoas com necessidades especiais, tentando desenvolver o potencial que dispunham (PIAGET, 1970).

As pesquisas mostram as altas habilidades/superdotação eram descritas desde a Grécia Antiga. De acordo com Tannenbaun *apud* Gama (2006), na Academia de Platão as crianças

---

<sup>1</sup>Professora de Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual do Estado do Rio de Janeiro, [elisangelamsaguiar@hotmail.com](mailto:elisangelamsaguiar@hotmail.com)

que apresentassem maior desempenho físico e maior inteligência eram selecionadas para serem os professores da Academia. Já em Roma, apenas aqueles que eram considerados mais capazes eram direcionados ao ensino superior.

Para Platão, as pessoas deveriam ser treinadas para maximizar suas potencialidades, insistindo que os jovens que possuíam habilidades mentais superiores deveriam ser afastados dos que tinham habilidades medianas e deveriam participar de programas educacionais especiais. Aos que realmente se destacassem deveriam ter oportunidades para serem futuros líderes (GAMA, 2006).

No entanto, durante a Idade Média, entre os séculos XV e XVI, as pessoas que apresentavam habilidades acima da média eram consideradas bruxas e um perigo para a sociedade, sendo, assim, discriminadas e retiradas do convívio dos demais.

No Renascimento, grandes talentos, como Leonardo Da Vinci e Michelangelo, podiam ser observados, tendo sido desenvolvidos vários modelos teóricos para o desenvolvimento dos superdotados. “[...] o crescimento do comércio, do trabalho assalariado e do capital na Europa renascentista criou uma demanda de novas habilidades.” (GARDNER, 1925)

De acordo com Telford (1984, p. 217), no século XIX surgiram diversos estudos sobre inteligência, como o de Francis Galton (1869), na Inglaterra, que realizou pesquisas na área da genética e hereditariedade, com a publicação de “Hereditary Genius”. Para Galton, “o dom da capacidade elevada e dividiu-o em dois tipos de capacidades: capacidade geral e aptidões especiais.” (GALTON *apud* TELFORD, 1984). Essas teorias iriam influenciar os movimentos que desenvolveram, mais tarde, os testes de QI.

No entanto, foi somente no século XX que foi desenvolvido o primeiro teste de inteligência. Este teste foi criado por Alfred Binet e Theodore Simon, a pedido do Ministério da Instrução Pública de Paris, na França, em 1905, e tinha como finalidade “verificar o progresso de crianças deficientes do ponto de vista intelectual”<sup>6</sup>. Em 1911, na Alemanha William Stern, criou o Quociente Intelectual (QI), que era uma equação que resultava da Idade Mental dividida pela Idade Cronológica, multiplicada por 100.

Mais tarde, nos Estados Unidos, estes métodos foram aperfeiçoados por Louis Terman e fez a primeira pesquisa com alunos superdotados. Acreditava-se que aquele que apresentasse um QI acima de 160 tinha desenvolvimento intelectual avançado e “poderia ser utilizado para o desenvolvimento das ciências e o avanço tecnológico, intensificando o ensino de ciências para as pessoas que apresentassem características de superdotação”<sup>7</sup>.

Vygotski, na Rússia, em 1924, destacou que o ambiente influenciava o desenvolvimento humano e que a aprendizagem aumentava o desenvolvimento das funções mentais superiores. Já para Piaget (1936), na Suíça, destacou que “o funcionamento

mental depende da interação dinâmica da pessoa com o ambiente e não somente da influência genética”

Leta Hollingworth, professora da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, na década de 40, chamou a atenção para a “necessidade da escola tomar para si a responsabilidade de educar as crianças com inteligência superior, por meio de um currículo diferenciado tanto em profundidade quanto em rapidez, levando em conta as diferentes habilidades” (VIRGOLIN, 1997).

Alguns anos mais tarde, já no final da década de 1960, Joseph S. Renzulli, inicia suas pesquisas sobre os superdotados e com isso, o atendimentos educacionais para estes alunos americanos começaram a serem feitas de modo mais amplo.

No Brasil, as propostas de se ter um atendimento diferenciado para alunos considerados com altas habilidades/superdotação, se iniciaram no século XIX, mas de acordo com Alencar e Fleith (2001), os primeiros testes de inteligência foram realizados no país em 1924 em Recife e no Rio de Janeiro. Delou (2005) ressalta que o primeiro documento que previu atendimento a alunos considerados *super-normais*<sup>8</sup>, aconteceu em 1929 com a Reforma do Ensino Primário, Profissional e Normal do Estado do Rio de Janeiro . No entanto, os estudos só iriam ser incrementados a partir da publicação, em 1931, do livro *A Educação dos Supernormais*, de Leoni Kaseff e da vinda para o Brasil da psicóloga russa Helena Antipoff, dois anos antes.

Segundo Delou (2005), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961 (Lei 4024/61), os artigos 8º e 9ª são dedicados à educação de *excepcionais*, que para Helena Antipoff, “representava os alunos com deficiência mental, os que apresentavam problemas de conduta e os que eram bem-dotados e talentosos.” Foi em 1967, que o Ministério de Educação e Cultura (MEC) deu início ao atendimento aos alunos superdotados, “organizando uma comissão chamada de *Comissão dos Minigênios*”, e formada por renomados educadores (Prof. Gilson Amado. Dr. Humberto Grande e Prof. Batista da Costa) tinha por objetivo “discutir e organizar sugestões para a identificação e o atendimento educacional àqueles alunos.”

[...] somente em 1971 é que o ministério de Educação e Cultura nos convocou para um seminário sobre superdotados, em Brasília. Houve relatórios muito interessantes e debates ricos em ensinamentos. Não houve contudo nenhuma ação a seguir. (ANTIPOFF, 1992, p.50)

Neste mesmo ano, em agosto, foi promulgada a Lei 5692 de Diretrizes e Bases do Ensino de 1º e 2º graus, onde o artigo 9º estabelece o atendimento aos superdotados, deixando

para os “Conselhos de Educação, Federal, Estaduais e Municipais as bases legais e normativas para seu funcionamento.” (Brasil, 1971) Neste mesmo ano, segundo Alencar (1983), educadores americanos foram convidados pelo Mec para virem ao Brasil para ajudar a introduzir a definição de superdotação; definição esta, usada até os dias de hoje.

Segundo Alencar (1993), em 1975, a Fundação Educacional do Distrito Federal, “implantou, na rede oficial de ensino, o primeiro Programa de Enriquecimento ao Superdotado”.

Em 1994, de acordo com Delou (1996), a Declaração de Salamanca “não só contemplou a superdotação como procurou dar outro significado ao seu conceito inicial. [...] No entanto, houve somente uma mudança da designação de superdotados para *altas habilidades*.” (Brasil, 1994)

No entanto, de acordo com Guenther (2000 *apud* Gama, 2006), “o que se verifica é uma quase total ausência dos sistemas públicos no que diz respeito à atenção educacional aos alunos mais capazes e talentosos.”

Ao se falar em ‘crianças bem-dotadas e talentosas’ não estamos falando em um grupo único, parecido, homogêneo e facilmente reconhecível em qualquer situação. Ao contrário, como todas as pessoas que existem, cada criança traz em si uma combinação essencial e substancialmente única de traços, características e atributos, oriundos não somente de sua própria constituição e plano genético, como também, derivados e absorvidos de muitas fontes de influência presentes no ambiente a que é exposta, dentro dos vários grupos a que pertence (GUENTHER, 2000).

Em 1995, a Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação e Cultura – MEC – criou as Diretrizes para que os alunos com Altas Habilidades/Superdotação pudessem ter um atendimento educacional.

Além disso, essas diretrizes trariam a definição dos diferentes tipos de superdotação.

O tipo intelectual está presente naqueles indivíduos que mostram: flexibilidade, independência e fluência de pensamento, produção intelectual, julgamento crítico e habilidade para resolver problemas. No tipo social, as características que se manifestam são: capacidade de liderança, sensibilidade interpessoal, atitude cooperativa, sociabilidade expressiva, poder de persuasão e influência no grupo. Já o tipo acadêmico privilegia áreas como a capacidade de atenção, concentração, memória, interesse e motivação pelas tarefas acadêmicas e capacidade de produção. O outro tipo de talento, o psicomotricinestésico, salienta-se naqueles indivíduos que apresentam habilidades e interesses por atividades físicas e psicomotoras, agilidade, força e resistência, controle e coordenação motoras. O talento criativo está presente nas pessoas capazes de solucionar problemas seguindo diferentes caminhos (não usuais), ainda são inovadoras e originais. Por último, os talentos especiais, englobam as artes plásticas, musicais, literárias e dramáticas, revelando, nesses indivíduos, capacidade especial e alto desempenho em tais atividades. (BRASIL, 1995)

A Lei 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu capítulo V, ressalta a inclusão dos alunos com AH/SD, prevendo ações pedagógicas pertinentes ao assunto. Em 2001, a Secretaria de Educação Especial (SEESP) do Mec, resolveu simplificar o conceito de superdotação de 1995, que era baseado na teoria de Renzulli. Este conceito é utilizado até os dias atuais.

Altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os levem a dominar rapidamente os conceitos, os procedimentos e as atitudes e que, por terem condições de aprofundar e enriquecer esses conteúdos, devem receber desafios suplementares em classe comum, em sala de recursos ou em outros espaços definidos pelo sistema de ensino, inclusive para concluir, em menor tempo, a série ou etapa escolar (FRAN, 1997).

O Conselho Brasileiro para Superdotação – CONBRASD, foi criado em 2003, em Brasília-DF, organização não governamental, e que tem por objetivo “trabalhar a favor de políticas públicas que favorecessem o reconhecimento, estimulando e aproveitando o potencial das pessoas com AH/SD.

## METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no Colégio Municipal Sarah Faria Braz localizada no município brasileiro de Santo Antônio de Pádua, região noroeste do estado do Rio de Janeiro.

Para a coleta dos dados foi utilizada a técnicas de entrevista e observação, assim como, análise documental, conduzidos da seguinte forma: a entrevista foi realizada com o aluno, com a mãe do aluno, com a psicopedagoga, e com os professores que lecionam e lecionaram para o aluno ao longo dos anos. A análise documental baseou-se no Projeto Político Pedagógico da escola e nos dados acadêmicos do aluno.

Para que os dados coletados pudessem ser analisados, foram elaboradas tabelas que refletem o resultado das entrevistas de acordo com autores que discutem as características produtivo-criativa, acadêmica e escolar, como Renzulli *apud* Virgolim (2007), que descreve as treze características principais “presentes em diferentes graduações” no universo da pessoa com superdotação/altas habilidades; e Oufino e Guimarães (2007), que descrevem as características relacionadas “à motivação e liderança e as dificuldades emocionais e sociais das pessoas com altas habilidades por causa das muitas exigências que têm para consigo mesmo e os outros”.

## RESULTADO E DISCUSSÃO

### Características do Aluno PH

Características	P H	Entrevistados		
		Psicopedago ga	Mãe	Professore s
	<b>a) Acadêmico ou escolar:</b>			
	-tira notas boas na escola;	-	-	-
	-apresenta grande vocabulário;	-	x	X
	-gosta de fazer perguntas;	x	x	X
	-necessita pouca repetição do conteúdo escolar	x	-	X
	aprende com rapidez;	X	X	X
	apresenta longos períodos de concentração;	-	-	-
	tem boa memória;	-	-	-
	- é perseverante;	-	-	-
<b>Comportamentais</b>	- tem excelente raciocínio verbal e ou numérico;	x	-	-
	- é um consumidor de conhecimento;	x	x	X
	- lê por prazer;	x	x	X
	- tende a agradar aos professores;	-	-	-
	- gosta de livros técnicos	-	-	-
	- tendências a gostar do ambiente escolar.	-	-	-
	- tem excelente raciocínio verbal e ou numérico;	x	-	-
	<b>b) Produtivo-criativo:</b>			
	- não necessariamente apresenta QI superior;	-	-	-

	- pensa por analogias;	x	-	-	
	- é criativo e original;	-	-	-	
	- usa o humor;	-	-	-	
	- demonstra diversidade de interesses;	X	X	X	
	- gosta de fantasiar;	-	-	-	
	- gosta de brincar com as ideias;	-	-	-	
	- não liga para as convenções;	-	-	-	
	- é inventivo, constrói novas estruturas;	-	-	-	
	- é sensível a detalhes;	-	-	-	
<b>Afetiva</b>	<b>a) Acadêmico ou escolar:</b>				
<b>Emocionais</b>					
	- tem necessidade de saber sempre mais. no entanto, pode estabelecer metas altas para si mesmo (irreais) e sofrer por medo de não atingir tais metas				
	- demonstra perseverança nas atividades motivadoras para ele;	-	-	-	
	- apresenta grande necessidade de estimulação mental;	-	-	-	
	- apresenta grande intensidade emocional;	X	-	-	
	- tem paixão por aprender;	-	-	-	
	- revela intenso perfeccionismo.	-	-	-	
	<b>b) Produtivo-criativo:</b>				
	- investe uma quantidade significativa de energia emocional naquilo que faz	X	-	x	

	-apresenta preocupação moral em idade precoce;	-	-	-	
	- necessita de professores sensíveis aos seus intensos sentimentos de frustração, paixão, entusiasmo, raiva e desespero;				

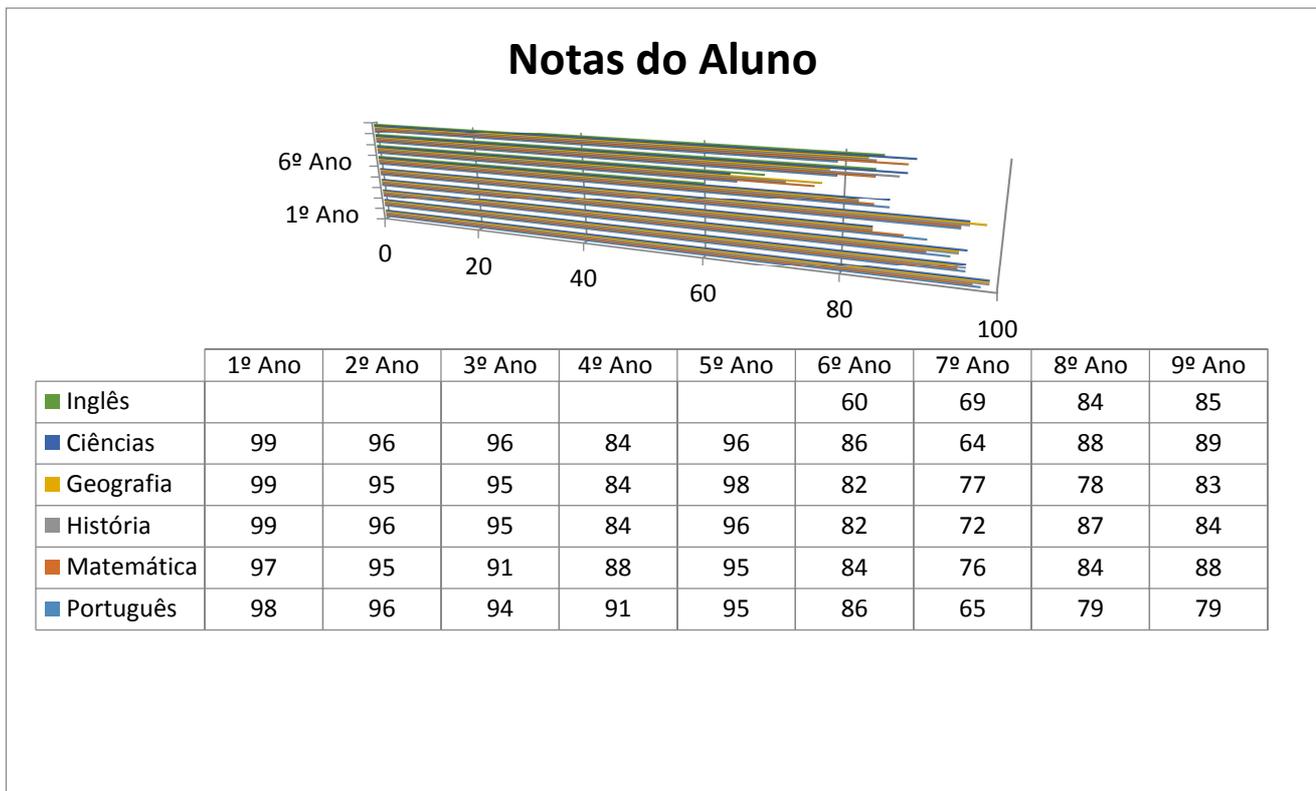
### Características Emocionais do Aluno PH

Características	Entrevistadas		
	Psicopedagoga	Mãe	Professores
Dificuldade nos relacionamentos sociais	-	X	x
Dificuldade em aceitar crítica	-	-	-
Recusa em realizar tarefas rotineiras e repetitivas	-	-	-
Excesso de competitividade	-	-	-
Intensidade de emoções	X	x	x
Ansiedade	X	x	x
Perfeccionismo	X	X	X
Tendência a questionar regras, entre outras	-	-	-

Quando questionado sobre sua inteligência superior, PH respondeu que o ajudava a resolver problemas e a perceber o mundo ao seu redor. Ele não se considera diferente dos colegas

Na observação realizada nas aulas, PH é atento, participativo e curioso. Não demora muito para começar a se destacar nos demais. O professor afirmou que o PH já havia terminado as atividades antes dos colegas e que era sempre assim.

## Notas do aluno



Vale ressaltar que alunos com AH/SD apresentam facilidade em uma área, mas podem ter dificuldades em outras que não sejam de seu interesse, necessitando, assim, do auxílio do professor.

Esta afirmativa fica bem clara ao analisarmos o gráfico com as notas de PH, ao longo de sua vida escolar.

Na maioria dos casos em que a criança apresenta superdotação e altas habilidades, o acompanhamento psicológico pode ter um papel fundamental em sua vida. Com a ajuda de um profissional, ela compreenderá melhor o seu lugar no mundo, como pode desenvolver as suas habilidades e como lidar com as pessoas à sua volta.

## CONCLUSÃO

Os dados analisados nessa pesquisa permitiram constatar que na parte cognitiva, o interesses do aluno estão concentrados nas áreas de linguística e lógica. Na parte emocional ele tem dificuldade no relacionamento social, tem intensidade de emoção, ansiedade e perfeccionismo.

Na política de inclusão da escola, não se percebeu nada de específico nesse sentido, não havendo estratégias nem inclusão, nem exclusão.

Quanto ao enriquecimento curricular para o aluno PH, nada foi oferecido, e a metodologia de ensino utilizada pela escola para atender esse aluno, também, não houve nada específico, pois os professores não sabiam como lidar com o aluno com Altas Habilidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E. M. L. S. **Perspectivas e desafios da educação do superdotado**. Revista Em Aberto, Brasília, ano 13, n. 60, p. 77-92, out./dez. 1993

ALENCAR, E. S.; FLEITH, D. de S. **Superdotados: determinantes, educação e ajustamento**. 2. ed. São Paulo: EPU, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes gerais para o atendimento educacional dos alunos portadores de altas habilidades/superdotação e talentos**. Brasília: MEC/SEESP, 1995a.

CONBRASD. **Conselho Brasileiro para Superdotação. Altas habilidades/ superdotação**. [200-]. 36p.

FOUCAULT, M. **Os anormais (1974-1975)**. In: \_\_\_\_\_. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 59-67.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas: um conceito reformulado**. São Paulo: Objetiva, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUENTHER, Z. C. **Desenvolver capacidades e talentos: um conceito de inclusão**. Petrópolis: Vozes, 2000

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**., Rio de Janeiro: José Olympio.. 1970

VIEIRA. N. J. W. A escola e a inclusão dos alunos portadores de altas habilidades. **Cadernos de Educação Especial**. Santa Maria, RS, n. 21, p. 7-22, 2003.

VIRGOLIM, A. M. R.; FLEITH, D. S.; NEVES- WINNER, E. **Crianças superdotadas: mitos e realidades**. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

YIN. R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005